

O estado da arte das pesquisas sobre bixas pretas: localizando as monas

Eric Silva dos Santos¹

Resumo: Este trabalho é um estudo do estado da arte (ROSSETTO, et al. 2013) sobre o panorama das pesquisas acadêmicas sobre Bixa Preta, revelando as tendências desse objeto de pesquisa. Para isso, pretendo responder: a) Quais pesquisas acadêmicas, nos níveis de mestrado e doutorado, têm sido feitas sobre bixas pretas?, e; b) Como esse tema vêm se configurando no campo da Linguística Aplicada? Para a fundamentação teórica articulo os estudos sobre Identidade Social advindos da teoria dos estudos culturais (HALL, 2019[1992]; WOODWARD, 2019[2014]) com os estudos Interseccionais advindos dos Feminismos Negros (KYRILLOS, 2020; AKOTIRENE, 2018) e os estudos sobre Bixas Pretas (OLIVEIRA, 2017; VEIGA, 2019). Quanto à metodologia, este trabalho se desenvolveu a partir do levantamento bibliográfico de dissertações e teses escolhidas a partir do resultado apresentado pelo banco da Capes, para os termos “bixa preta” e equivalentes. As pesquisas compreendem os anos de 2017 a 2022, uma vez que o termo Bixa Preta, associado à Identidade Social, se estabelece a partir da pesquisa de Oliveira (2017). Para análise, foram estabelecidos dois eixos: 1) Elementos Fundamentais da Pesquisa (EFP), e; 2) Tendências Estatísticas e de Pesquisas (TEP). As análises me levaram ao panorama da conjuntura histórica do surgimento desses trabalhos; ao mapeamento geográfico dos Programas de Pós-Graduação (PPG); à observação das áreas de concentração, apresentando um caráter multi/inter/transdisciplinar desse objeto, além de observar que a Linguística Aplicada, embora uma área com alta produtividade, apresenta apenas um trabalho que está vinculado aos PPG, que não chega a ser analisado, pois não estava no recorte temporal previamente estabelecido, tendo sido descoberto durante uma revisão para a publicação deste trabalho. Há ainda limites quanto à delimitação do termo-chave, quanto à escolha dos gêneros acadêmicos e quanto às plataformas de pesquisa do corpus, sendo sugerido novos estudos para tornar esse estado da arte mais sólido.

Palavras-chave: Estado da arte; Bixas Pretas; Racismo Homofóbico; Linguística Aplicada.

¹ Mestre em História e Letras pela FECLSC/UECE.(2022). Doutorando em Língua e Cultura pelo PPGLinC/UFBA. Professor na Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza como docente em Língua Inglesa. E-mail: espoliin@gmail.com.

Este trabalho se apresenta a partir do resultado de uma pesquisa de mestrado. É um estudo do estado da arte. Esse tipo de pesquisa é definido por Rossetto, et al. (2013, p.3) como sendo “um mapeamento que permite conhecer sobre o tema que nos propomos a pesquisar situando-nos sobre a evolução das pesquisas no campo, revelando as concepções mais frequentes, assim como aquelas em que ainda não há estudos efetivados.” Ainda, segundo as autoras, o estudo do estado da arte é uma importante etapa da pesquisa científica uma vez que é necessário

“fazer uma revisão da literatura científica acerca de um determinado tema de modo a subsidiar o desenvolvimento de uma pesquisa. Nesse percurso, a finalidade é obter um panorama geral do conhecimento elaborado em um campo, área, tema, autores e conceitos específicos, com o objetivo identificar lacunas referentes a trabalhos não realizados; temas recorrentes ou já consolidados.” (ROSSETTO, et al. 2013 p. 3)

À época da escrita da dissertação esse levantamento bibliográfico se restringiu a uma análise dos resumos das dissertações que tive acesso, digo isso devido à razão inversamente proporcional de tempo e das demandas desse processo. Ao revisitar o primeiro capítulo da dissertação, enquanto sugestão da banca que aprovou a dissertação, observei a potencialidade de melhor contornar meu objeto de estudo pela leitura integral das teses e dissertações até ali mapeadas, que finaliza na escrita deste artigo.

A princípio o meu objetivo era compreender onde estavam as Bixas² pretas. Inicialmente, preciso dizer que compreendo muito bem onde as bixas pretas se

² O termo bicha ou, ainda, bixa se apresenta, dentre tantas outras significações, como uma maneira pejorativa para designar pessoas de sexualidade dissidente, sobretudo pessoas afeminadas. Porém, é interessante observar que dentro dos estudos pragmáticos e discursivos, um signo linguístico pode apresentar, em sua dinâmica de uso, uma disputa pelos falantes em torno do seu significado. Nesse sentido, a comunidade LGBTQIA+ apropria-se do termo ‘bicha’ propondo uma resignificação positiva. Se a bicha pode ser discursivizada como identidade abjeta, ela mesma resignifica os signos que fazem com que a sociedade a exclua para empoderar a si e à coletividade LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais, Queer, Intersexual, Assexual, etc). Opto pela grafia do termo “bixa” pois este é utilizado organicamente pelos movimentos sociais em paralelo a grafia bicha que é reconhecida com a forma oficializada do termo. Discursivamente, a forma bixa representa um desvio, não apenas no sentido da gramática normativa, mas de uma insurgência contra os sistemas regulatórios e normatizantes que regem a sociedade, incluindo a língua.

localizam socialmente: à margem. É à margem social que as bixas pretas se localizam, não por escolha, mas porque as sociedades europeias em seu projeto colonial são fundadas num patriarcado cisheteronormativo³ que compulsoriamente excluem os corpos que não atendem ao dispositivo da normatividade.

Ao retomar os estudos para essa nova empreitada, a investigação objetivava observar se as pesquisadoras e os pesquisadores observavam a identidade social da Bixa Preta a partir dos estudos Interseccionais ou a partir dos Estudos da Masculinidade. Por ocupar um lugar fronteiro, um não-lugar, um entre-lugar ou um entre-não-lugar, a Bixa Preta, enquanto objeto de estudo, é passível de ser analisada por muitos campos teóricos.

Durante minhas investigações observei que os estudos de gênero incluindo, sobretudo, os estudos de interseccionalidade, oriundos do feminismo negro e os estudos sobre masculinidades negras foram campos férteis para as análises da intelectual Megg Rayara Gomes de Oliveira (2017) que, até onde a tecnologia me permite ir, é a primeira pesquisa, disponível no banco de teses e dissertações da Capes, a levantar essa identidade social em seus contornos com o uso do termo “bichas pretas”. É bastante simbólico que a primeira travesti negra doutora do país abra caminhos para que essas epistemologias passem a incluir a centralizar o debate a Bixa Preta.

Ressalto que, enquanto uma identidade social, os contornos da bixa-preta foram forjados na dimensão da resistência política e têm sido construídos há longa data. As produções acadêmicas, por sua vez, apresentam trabalhos que debatem essa identidade, ainda que não usem o termo aqui adotado. Outros termos podem representar a intersecção dos grupos minorizados de raça e gênero/sexualidade em pesquisas

³ Tomo patriarcado, como sendo um profundo sistema de valores, hierarquias e organização social baseado na dominação de homens. Por sua vez, a cisheteronormatividade é o conjunto de valores que exaltam a cisgeneridade, ou seja, a conformidade daqueles que se identificam com o sexo biológico que lhe foi designado ao nascer, e a heterossexualidade como norma social regulatória dos valores e organização social de modo compulsório.

acadêmicas anteriores às citadas aqui nessa pesquisa, as quais eu não tive acesso pela delimitação do termo-chave.

Faço aqui uma breve observação quanto à dicotomia objeto *versus* sujeito: compreendo que a colonialidade (QUIJANO, 2009), enquanto produto sofisticado do colonialismo, faz com que as ciências e as pesquisas acadêmicas sigam uma lógica que despersonifica o processo dos envolvidos numa pesquisa acadêmica. Porém, compreendo que a existência de sujeitos de pesquisa não anula a existência do objeto, nem vice-versa. Um objeto de pesquisa é um elemento acadêmico por excelência, observável a partir de uma perspectiva teórica. Enquanto os sujeitos de uma pesquisa são pessoas, em sua complexidade, que contribuem para uma pesquisa.

Por vezes, nesse trabalho a bixa preta será tratada como objeto de pesquisa ou estudo. Refiro-me à identidade social da bixa preta, não às pessoas que reclamam essa identidade para si e para o seu grupo. Faço essa distinção após ser interpelado por um estudioso sobre a dicotomia objeto *versus* sujeito, quando se trata de identidades sociais. Com isso em mente, quando trato a Bixa Preta enquanto objeto, refiro-me à identidade social, que observo a partir de uma perspectiva teórica.

À medida que os estudos interseccionais vêm se consolidando, alguns objetos de estudo têm se tornado emergentes. A identidade social da bixa preta é, dentre muitos outros, um destes temas que vêm sendo discutido e debatido em diversas áreas do conhecimento e a partir de diversos postulados teóricos. De interesse das áreas interdisciplinares, sobretudo daquelas que investigam raça, gênero e sexualidade, as identidades sociais se tornaram, por excelência, um objeto de investigação dos estudos críticos da linguagem na área da Linguística Aplicada (LA), partindo da compreensão que a língua em uso constitui e representa estas identidades. Nesse caso, em suas diversas abordagens, a LA investiga a formação de identidades em suas implicações na vida social, mediada na e pela língua.

O objetivo principal deste artigo é apresentar um panorama geral das pesquisas sobre Bixa Preta, revelando as tendências das pesquisas. Este trabalho visa responder às

seguintes perguntas: a) Quais pesquisas acadêmicas, nos níveis de mestrado e doutorado têm sido feitas sobre bixas pretas? e b) Como esse tema vem se configurando no campo da Linguística Aplicada?. Para isso, os objetivos são, respectivamente: I) levantar dados sobre as pesquisas acadêmicas realizadas nesse eixo temático, II) situar epistemologicamente a Bixa Preta no campo disciplinar da LA.

A Bixa Preta

Bixa Preta é uma identidade social de resistência frente ao racismo homofóbico, que ao confluir as diferenças de raça, gênero e sexualidade apresenta novas possibilidades de agenciamento através de letramentos de reexistência (SANTOS, 2019) A Bixa Preta é uma categoria discursiva que desloca as matrizes hegemônicas de raça, de gênero e sexualidade, trata-se de todas as que, ao se reconhecerem LGBTQIA+ abdicam da padronização de seu comportamento, se afastando da matriz heterossexual, por vezes, se afeminando ou se masculizando, ou ainda, fluindo entre, ou rejeitando, esses polos, visando transgredir as expectativas impostas para a raça, o gênero e a sexualidade. A bixa preta é, portanto, um devir de possibilidades performativas na encruzilhada entre as diferenças de raça, gênero e sexualidade.

Mas, o que viria a ser uma identidade social? A identidade social não é essencializante, mas performática. Ou seja, a identidade social não depende de um elemento essencial como marca para se constituir, mas se constitui através de dinâmicas que variam de acordo com o tempo, espaço e com os valores de um dado momento. Identidade social não é um sistema de classificação estático, concluído e permanente. Torna-se, então, apropriado tomá-lo como um construto social dinâmico e relacional, que acontece como num jogo de regras sociais que são racialmente organizadas, entre grupos. Ressalto aqui que identidades sociais são coletivas, de grupo, dentro de uma dinâmica social, e não da formação da identificação individual com impacto na formação subjetiva do indivíduo.

Neste sentido, o conceito de raça se configura como categoria discursiva, não biológica, mas sociológica, ou seja, uma identidade social

Isto é, ela é uma categoria organizadora daquelas formas de falar, daqueles sistemas de representação e práticas sociais (discursos) que utilizam um conjunto frouxo, frequentemente pouco específico, de diferenças em termos de características físicas - cor da pele, textura do cabelo, características físicas e corporais etc - como *marcas simbólicas*, a fim de diferenciar socialmente um grupo de outro. (HALL, 2019[1992], p.37, grifo do original)

Observo aqui que as marcas simbólicas destacadas pelo autor são constituídas pela e na diferença. Neste sentido, compreendo que “essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de exclusão social. A identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade depende da diferença.” (WOODWARD, 2019[2014], p. 40, grifo no original). Por se tratar de uma vivência interseccional, além de pensar as dimensões de raça, a identidade social da bixa preta precisa levar em consideração que “a sexualidade é tão construído cultural quanto os outros hábitos que temos, sofrendo, por isso, inclusive, grande variação em suas formas de acordo com os distintos momentos históricos e as diferentes sociedades e culturas”. (MELO, 2016, p. 208).

Por sua vez, o conceito de interseccionalidade é disseminado, no Brasil, por Akotirene (2018) que o descreve como sendo “uma ferramenta metodológica disputada na encruzilhada acadêmica. Trata-se de oferenda analítica preparada pelas feministas negras.” (AKOTIRENE, 2018, p. 1)

É uma ferramenta teórica e metodológica usada para pensar a inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado, e as articulações decorrentes daí, que imbricadas repetidas vezes colocam as mulheres negras mais expostas e vulneráveis aos trânsitos destas estruturas. (AKOTIRENE, 2018, p. 1)

É interessante compreender aqui a potencialidade oriunda da gênese desta ferramenta teórica e metodológica. O termo interseccionalidade surge no contexto Estadunidense, sendo cunhado pela jurista e intelectual Kimberlé Crenshaw, no ano de

1989. No entanto, me interessa ainda mais, compreendê-lo enquanto demanda do movimento feminista negro que molda durante, aproximadamente três décadas a formulação que dará base para este conceito. Para Kyrillos (2020), que traça os precedentes do surgimento do conceito, tanto no contexto dos feminismos negros estadunidenses, quanto no contexto brasileiro, o risco ao não se considerar o período imediatamente anterior ao surgimento do termo é distanciar a práxis crítica destes movimentos sociais, tornando o conceito um mero acessório a serviço da academia. Esta ferramenta teórica e metodológica tem sua direção da organização social de mulheres negras para a academia, e não o inverso. Neste caso, mais uma vez, a prática crítica antecede a academia. Torna-se, portanto, interesse daqueles que se comprometem com uma ciência crítica o não esvaziamento do caráter da práxis deste conceito.

(...) são poderosas as contribuições de Crenshaw para a compreensão e popularização da interseccionalidade. Isso não significa dizer que é razoável apagar o que vinha ocorrendo antes de 1989. Trata-se de um grave lapso de algumas pesquisas sobre interseccionalidade, algo não pretendido por Crenshaw, já que seus textos tomaram como fundamento e reconheceram a importância de pesquisas e tópicos de movimentos sociais anteriores ao seu ato de nomear a interseccionalidade. Assim sendo, é importante rejeitar eventuais entendimentos que ignoram ou minimizam que a origem da interseccionalidade está relacionada com os movimentos sociais e, portanto, seu surgimento e potencial não se reduz à compreensão e aos limites impostos pela/na academia. Mais do que uma imprecisão teórica, apagar o histórico da origem da interseccionalidade tende a promover o silenciamento de um grande grupo de mulheres negras e contribui para que gradativamente o conceito da interseccionalidade perca sua força e potência crítica (...) (KYRILLOS, 2020, p. 6)

Ainda que tenha surgido de modo a reivindicar as pautas do debate racial no movimento feminista branco e das pautas de gênero no movimento antirracista, o conceito de interseccionalidade ao se tornar popular no meio acadêmico acaba por perder a sua centralidade na pauta racial. Nesse sentido, considero que há uma limitação neste conceito quanto à planificação das formas de opressão. Portanto, apresenta-se aqui uma possibilidade de compreensão destes sistemas de opressão de modo a retomar a centralidade da raça no debate conjugado de opressões. Embora apresente um avanço

significativo, considero a interseccionalidade ainda insuficiente para discutir o racismo homofóbico se feita, em perspectiva acadêmica, uma planificação em relação às opressões. Desconsiderar que, no caso brasileiro, o racismo hierarquiza as demais formas de opressão em corpos que interseccionam vivências dissidentes seria ingenuidade ou de uma conivente maldade que serve à branquitude para livrá-los da culpa do racismo.

Por sua vez, a masculinidade hegemônica é um sistema que gira em torno do padrão idealizado pelo homem cisgênero branco e heterossexual. A masculinidade cria um código regulatório que funciona como força centrípeta. Este sistema permite que apenas alguns corpos estejam no centro. Permite, desde que obedeçam ao código normativo, que alguns outros corpos se aproximem. Os corpos negros não pertencem a esse sistema, mas são tolerados se obedecerem às normas de gênero e sexualidade. Os corpos LGBTQIA+ brancos também não pertencem, mas são autorizados a orbitarem esse sistema, desde que reiterem seu código de conduta moral.

Visto que nosso ponto de partida é a raça, observemos

A adjetivação atribuída ao termo “preto” acena para um lugar que questiona as normas, as regras, a higienização cis heteronormatizante. Por isso, surge como uma possibilidade concreta para se referir aos corpos dos gays afeminados, dos viados e das bichas. Assim, adoto os termos “preta” e “preto” por identificar neles a possibilidade de discutir existências que questionam de maneira recorrente tanto a branquitude quanto a cis heteronormatividade hegemônicas. Afirmo, assim, que a bicha preta não dialoga com a *biche* de origem francesa e burguesa. Seus sinais estão assinalados no regime escravista. É ali que ela brota. Ao contrário da bicha branca burguesa, a bicha preta sai às ruas e desafia não apenas as normas de gênero, mas a própria polícia. (OLIVEIRA, 2017, p. 104-106)

A constituição discursiva da bixa preta é a partir de um não-lugar racial e um não-lugar de gênero e sexualidade. Um entre-não-lugares, perpassado por violência e tentativas de eliminação discursiva e eliminação física.

A negritude se afirma a partir da heterossexualidade hegemônica e a homossexualidade a partir da branquidade, o que contribui para a manutenção de uma masculinidade hegemônica branca e cis heterossexual. Essa masculinidade se utiliza da branquidade e da cis heterossexualidade para garantir uma supremacia incontestada de raça e de gênero que opera no sentido de silenciar as masculinidades periféricas. (OLIVEIRA, 2017, p. 94)

Veiga (2019) discute as múltiplas diásporas que um corpo negro LGBTQIA+ pode sofrer. Tomo como mais apropriado o esquema de múltiplas diásporas para análise aqui feita do racismo homofóbico, enquanto fenômeno social, por reconhecer a limitação da interseccionalidade como ferramenta analítica. Mas, o que viria a ser a condição diaspórica? Bem, esse conceito é desenvolvido por Hall (2019 [2003]) que o define como “condição arquetípica da modernidade tardia”. (HALL, 2019, p. 461). Entrelaçando a sua experiência pessoal de intelectual jamaicano na Inglaterra, que viveu numa Jamaica que agora não é mais a Jamaica que ele conhece, e que vive numa Inglaterra a qual nunca pertenceu, nos diz Hall “conheço bem os dois lugares, mas não pertenço completamente a nenhum deles. E esta é exatamente a experiência diaspórica, longe o suficiente para experimentar o sentimento de exílio e perda, perto o suficiente para entender o enigma de uma chegada sempre adiada” (HALL, 2019, p. 460).

É nesse entre-não-lugares, onde se conhece muito bem os dois, mas sem pertencer a nenhum deles, que surgem as bixas pretas em diásporas múltiplas. A primeira diáspora é a racial. Apenas reconhecendo o brutal processo que o povo africano sofreu para que se forjasse o projeto colonial extrativista europeu de modernidade que, para as colônias, se desdobra em colonialidade, usurpando do nosso povo até mesmo a humanidade podemos fazer uma leitura sociológica do povo brasileiro. É lidando com o terror de um país que mata um jovem negro a cada 23 minutos e sendo empurrado para fora da margem do mercado trabalho. Tendo que se equilibrar entre a morte e a fome que os negros no Brasil narram suas histórias. Esse cenário piora se pensarmos na subjetivação do indivíduo, pois os modos de ser, poder e

saber carregam as marcas coloniais. A primeira diáspora, em si, já é aterrorizante. A segunda diáspora se dá a partir da

descoberta da homossexualidade pelos garotos negros, que a partir deste momento do texto chamarei de “bixas pretas”, os faz experimentar uma segunda diáspora, porque os retira novamente da possibilidade de serem integrados e acolhidos, mas de forma ainda mais nociva, haja vista que essa segunda barreira à aceitação se dá em seus próprios quilombos, ou seja, em sua família, em sua comunidade, e até mesmo nos movimentos negros. Um impasse é colocado frente às bixas pretas: negar a própria sexualidade e aderir à masculinidade heteronormativa, para se proteger e preservar o amor de seus pares ou para afirmar a própria sexualidade e ficar desprotegido, correndo o risco de não ser aceito em seu próprio espaço familiar de pertencimento. Qualquer uma dessas escolhas implica em sofrimento [...] (VEIGA, 2019, p. 83)

A interseccionalidade da bixa preta é uma ameaça constante ao sistema cisgênero heteronormativo masculino branco e a seus códigos. O racismo e a homofobia precisam se entrelaçar a ponto de virar uma forma de opressão direcionada a essa vivência. Epistemologicamente, a bixa preta, enquanto identidade social, está entre os estudos de gêneros e sexualidades oriundos do feminismo negro e os estudos das masculinidades negras. Neste caso, é interessante observar que as abordagens são complementares e que os estudos que virão sobre a temática poderão apresentar novos aportes para a discussão do tema.

Metodologia

O trabalho se desenvolveu a partir do levantamento bibliográfico de dissertações e teses. Para isso, foi realizada uma pesquisa no banco de teses e dissertações da Capes com os termos “bichas pretas”, “bicha preta”, “bixa preta” e “bixaspretas”, que considero intercambiáveis. As pesquisas compreendem os anos de 2017 a 2022. Esse recorte temporal se deu a partir da pesquisa “O Diabo em forma de gente: (R)existências de Gays afeminados, Viados e Bichas Pretas na Educação”, que é o primeiro trabalho

que traz a Bicha Preta enquanto identidade social, se pesquisado a partir do banco de teses e dissertações da Capes.

Ressalto que outras pesquisas já apresentavam a temática sobre sexualidades desviantes e sobre raça, algumas pesquisas apresentando um aspecto ou outro. Havia até mesmo pesquisas que já se intercruzavam, esses dois campos. Nesse campo, Moita Lopes (2002) reúne trabalhos sobre a construção de identidades em sala de aula, subscrita na LA numa perspectiva da pragmática. Encontrei ainda as teses: “Meninos diferentes: construção e performance de masculinidades de homens negros gays em Salvador-BA”, “Vida, Adoecimento E Suicídio: Racismo Na Produção Do Conhecimento Sobre Jovens Negros/As Lgbttis” e “Do Presbitério Ao Terreiro: Infância, Escolarização, Docência E Religiosidade No Noroeste Paulista,” foram as únicas que correspondem à pesquisa do termo “negro gay”, com filtro na área da Linguística Aplicada (LA). Nada consta ao pesquisar o termo “racismo homofóbico” ou “racismo LGBTQIA+fóbico” no banco de teses e dissertações da capes. Porém, o termo Bicha Preta associado à identidade social se estabelece a partir de 2017 com o trabalho Oliveira (2017).

Digo isso apontando a limitação que essas escolhas podem, porventura, causar a essa pesquisa. Limitações no que concerne ao recorte, i) dos termos-chave de pesquisa, ii) dos gêneros textuais da produção científica, iii) das plataformas de pesquisa, e, por fim, iv) temporal.




Quanto aos limites impostos pela escolha do termo-chave, suspeito que sejam incontornáveis, uma vez que nenhum termo será estanque a uma identidade social, sobretudo àquelas se encontram no eixo da interseccionalidade. Assim sendo, outros pesquisadores podem encontrar outros termos que conjuguem raça, gênero e sexualidade, apresentando outros resultados. Porém, justifico a escolha do termo bixa-preta e seus equivalentes, pela disputa discursiva em torno desse termo. Disputa oriunda do tensionamento dos movimentos sociais aos quais se encontram os sujeitos que contestam um valor semântico positivo ao termo. Outros termos, porém, podem

apresentar um rico mosaico na composição dos estudos de raça e gênero/sexualidade que investigam as bixas pretas.




Por sua vez, os limites quanto à escolha de teses e dissertações se dão à medida da minha incapacidade de ler todos os outros gêneros científicos, no tempo da escrita de mestrado. Portanto, novos estudos podem ser elaborados através de outros gêneros acadêmicos, como artigos, monografias, entre outros. Partindo da delimitação anterior, no que se refere aos gêneros textuais dissertação e tese, ative as minhas buscas ao banco de dados de dissertações e teses da Capes, de modo que a busca em outras plataformas pode apresentar outros resultados. Por fim, reconheço que esta pesquisa é datada e, por conseguinte, produções acadêmicas permanecem surgindo, havendo a necessidade de constantes atualizações.

Quanto ao levantamento dos trabalhos o resultado é apresentado na tabela abaixo:

Tabela 1 – Trabalhos sobre o Bixas Pretas

	TÍTULO	AUTOR E ANO	INSTITUIÇÃO E PROGRAMA	LINK DE ACESSO	ACESSO QR CODE
1	O DIABO EM FORMA DE GENTE: (R)EXISTÊNCIAS DE GAYS AFEMINADOS, VIADOS E BICHAS PRETAS NA EDUCAÇÃO	Megg Rayara Gomes de Oliveira (2017)	Universidade Federal do Paraná (UFPR). Doutorado em Educação.	https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/47605	
2	O IMUNDO, O FUNK E AS BIXAS PRETAS: IMAGENS, PERFORMANCES E AS POSES NO PORTRAIT FOTOGRÁFICO	Rodolfo Rodrigo Viana De Paulo (2018)	Universidade Federal Do Rio De Janeiro (UFRJ). Mestrado em Artes da Cena.	https://www.ppgac-ecoufrj.com.br/dissertacao?termo_id=9	
3	“POR QUE EU SOU É HOMEM?”: ENTRE-LUGAR DE BICHAS PRETAS NA ESCOLA	Kauan Santos Almeida (2019)	Universidade Federal Do Sul Da Bahia (UFSB). Mestrado Profissional Em Ensino E Relações Étnico-Raciais	https://sigcontenudo.ufsb.edu.br/arquivos/2019040138d2ed3467193d45f9db8171/O_entre-lugar_de_bichas_pretas_na_escola_dissertao_final.pdf	

4	A BIXA-PRETA NA ESCOLA E NAS REDES SOCIAIS: AFETIVIDADE DE UMA VIDA À HIPERSEXUALIZAÇÃO DE UM CORPO	Fabio De Carvalho Cordeiro (2019)	Universidade Federal do Paraná (UFPR). Mestrado em Educação	https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/65503	
5	BIXA, PRETA, TRANS E PERIFÉRICA”: LINN DA QUEBRADA E AS PERFORMATIVIDADES DE GÊNERO DISSIDENTES COM AS MÍDIAS DIGITAIS	Patrick Borges Ramires De Souza (2019)	Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Mestrado em Ciências Sociais	https://repositorio.ufsm.br/handle/1/18652	
6	TRADUÇÃO DE HISTÓRIAS DO SUL DA NIGÉRIA: POR UMA CORSCIÊNCIA DA TRADUÇÃO-CONTAÇÃO NA VOZ DE UMA BIXA PRETA TRANSVIADA NO BRASIL	Fabricio Henrique Meneghelli Cassilhas (2019)	Universidade Federal De Santa Catarina (UFSC). Doutorado em Estudos Da Tradução	https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/215469	
7	RAÇA, GÊNERO, SEXUALIDADE E INTERSECCIONALIDADE: A POTÊNCIA DA BIXA PRETA	Gustavo Henrique Da Silva (2020)	Universidade Do Estado Do Rio De Janeiro (UERJ). Mestrado em Saúde Coletiva	http://www.bdt.duerj.br/handle/1/18577	
8	BIXA PRETA, O QUE NOS CONTA?	Andrey Rodrigues Chagas (2020)	Universidade Federal Do Rio De Janeiro (UFRJ). Mestrado em Comunicação.	Não consta na página do Programa de Pós Graduação	
9	ATLÂNTICAS NARRATIVAS: EM BUSCA DO TEATRO DA BIXA PRETA	Thiago Da Cunha Romero (2021)	Universidade Federal da Bahia (UFBA). Mestrado em Artes Cênicas	Não consta na página do Programa de Pós Graduação	
10	ENTRE VIOLÊNCIAS E RESISTÊNCIAS: BIXAS PRETAS EM UMA ESCOLA DE SALVADOR	Ailton Sena de Jesus (2020)	Universidade Federal da Bahia (UFBA). Mestrado em Cultura e Sociedade	https://repositorio.ufba.br/handle/ri/34444	
11	BIXA PRETA: DAS NARRATIVAS DE VIOLÊNCIA DO ESTADO ÀS REDES DE ENFRENTAMENTO AO GENOCÍDIO DE HOMENS NEGROS GAYS	Alan Tomaz de Andrade (2021)	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Bauru). Mestrado em Mídia e Tecnologia	https://repositorio.unesp.br/handle/11449/216923	

12	ENVIADESCER A EDUCAÇÃO MUSICAL: CURRÍCULOS-COMO-EXPERIÊNCIAS-ESCREVIDAS E RESISTÊNCIAS DE BIXASPRETAS CEARENSES AO RACISMO E À HOMOFOBIA NO ENSINO DE MÚSICA	Wenderson Silva Oliveira (2022)	Universidade Estadual do Ceará (UECE). Doutorado em Educação.	https://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=106095	
13	LETRAMENTOS E ATORES SOCIAIS NO DISCURSO DE BIXASPRETAS PARA A DESESTABILIZAÇÃO DO RACISMO HOMOFÓBICO	Eric Silva dos Santos (2022)	Universidade Estadual do Ceará (UECE). Mestrado Interdisciplinar em História e Letras.	https://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=108036	
14	NARRATIVAS DE BIXAS E TRAVESTIS PRETAS: TEORIAS E A CULTURA DE BAILE NA GRANDE GOIÂNIA	Icaro Ribeiro da Silva (2022)	Universidade Federal de Goiás (UFG). Mestrado em Performances Culturais.	http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/12129	
15	AQUI NÃO DÁ PRA SER VIADO, SEREI VIADO EM OUTRO LUGAR": UMA ETNOGRAFIA DE MIGRAÇÕES DE BICHASPRETAS E NEGROS GAYS PARA GOIÂNIA	Miguel Alves de Sousa (2022)	Universidade Federal de Goiás (UFG). Mestrado Em Antropologia Social	Não consta na página do Programa de Pós Graduação	
16	"O LIXO VAI FALAR E NUMA BOA": HISTÓRIAS DE VIDA DE BIXAS PRETAS UNIVERSITÁRIAS	Renan Nogueira Da Silva (2022)	Universidade Estadual de Goiás (UEG). Mestrado em Educação, Linguagem e Tecnologias.	Não consta na página do Programa de Pós Graduação	

Fonte: elaborado pelo autor

Para fins de operacionalização da pesquisa foram estabelecidos dois eixos de análises: 1) Elementos Fundamentais da Pesquisa (EFP), e; 2) Tendências Estatísticas e de Pesquisas (TEP). Sendo o primeiro eixo composto por critérios que compõem as pesquisas científicas, mas mais precisamente as das áreas das ciências humanas, com as quais tenho maior intimidade pelo meu campo de atuação. Esses dados foram condensados em formulários de fichamentos individuais. Embora não seja o objetivo os

dados do eixo EFP, subsidiam as análises. No que tange ao segundo eixo, foi formulado uma planilha excel para a tabulação de padrões que acontecesse em mais de dois trabalhos. Sendo que, a princípio, o único padrão que buscava era quanto à abordagem, os demais foram sendo observados no corpus à medida da leitura.

Tabela 2 – Eixos de Análises do Corpus

Elementos Fundamentais da Pesquisa - EFP	Tendências Estatísticas e de Pesquisas - TEP
a) Objetivos: Objetivo Geral, Objetivos Específicos; b) Questões de Pesquisa; c) Justificativa; d) Metodologia; e) Fundamentação Teórica; f) Lacunas Apontadas e Sugestões de Pesquisa; g) Conclusão.	a) Ano de publicação b) Região da produção c) Área de concentração d) Base Teórica e) Abordagem Interseccionalidade Masculinidades f) Escrita em 1ª Pessoa e/ou Narrativas Autobiográficas g) Interface Interdisciplinar h) Personalidades

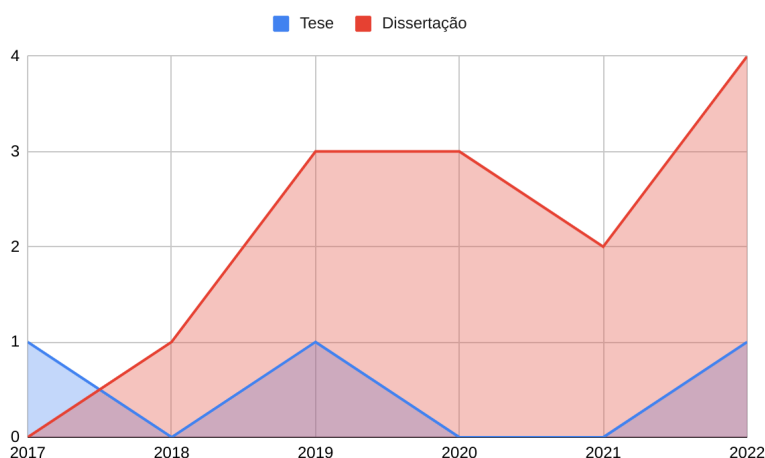
Fonte: elaborado pelo autor

Sendo que para chegar ao objetivo proposto neste artigo, irei me ater aos 3 primeiros itens das TEP. Embora os outros dados sejam interessantes, extrapolam os objetivos desta escrita e o número permitido de páginas para o gênero artigo.

Análises

É interessante observar a emergência desse objeto, uma vez que num período aproximado de 6 anos, apresenta um crescimento significativo de pesquisadoras e pesquisadores de diversas áreas, como observado no gráfico abaixo:

Fig. 1 – Produção Científica sobre Bixas Pretas



Fonte: elaboração própria

A partir de 2017, quando é publicado o primeiro trabalho sobre a temática, é especialmente interessante fazer uma análise da conjuntura do tempo da produção destes trabalhos. No ano supracitado o presidente da República é o Michel Temer (PSDB) através de um golpe político-jurídico contra a Presidenta eleita Dilma Rousseff (PT). Esse golpe é, ainda, um sintoma da onda conservadora reacionária que o Brasil viria a experimentar mais profundamente sobre o governo do sucessor do golpista. A reação conservadora se deu frente aos direitos civis conquistados por grupos politicamente minorizados através dos movimentos sociais durante os governos da Presidenta Dilma Rousseff (PT) e seu antecessor Luiz Inácio Lula da Silva (PT). O conservadorismo apresentou escancarou as feridas desta nação que não consegue lidar com o mínimo de justiça social.

Além disso, o conservadorismo diluiu alguns mitos fundadores do imaginário do nosso povo, como aqueles que pregavam uma ‘democracia racial’ tupiniquim pautada na miscigenação enquanto êxito às políticas raciais segregacionistas de outros países. Nesse contexto conservador, o racismo ‘à brasileira’ que era descrito como ‘cordial’ se tornou explicitamente agressivo. Outro mito que foi abalado com a onda conservadora foi o de um país LGBTfriendly onde é permitido ser o que se quer. O conservadorismo

brasileiro desembocou no Bolsonarismo: movimento político conservador de ultra-direita que nega a ciência e luta contra qualquer forma de justiça social. Propagador de fake news, responsável pelo desmonte da educação pública, com ataque em especial às universidades públicas e negacionista da pandemia global de Covid-19, o governo Bolsonaro se estende de 2019 a 2022.

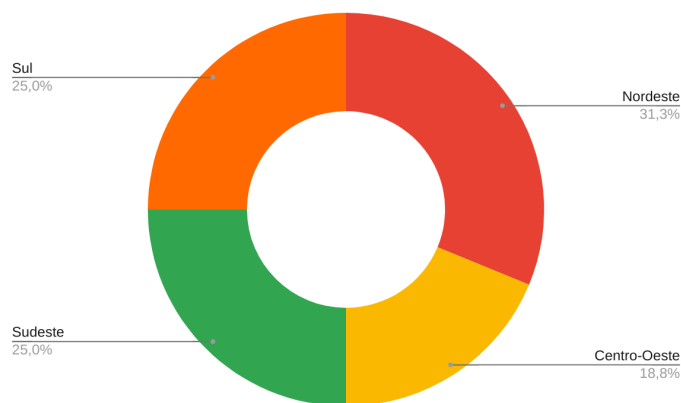
Ao observar as produções sobre Bixas Pretas destaco que a tese de Oliveira em 2017, presume um trabalho anterior de no mínimo 4 anos, o que nos levaria para 2013, ano conhecido pelo agito político no país que corroeu muitas das instituições formais. O ano no qual o conservadorismo reacionário emprenha a pátria. Reacionário, pois os conservadores deste país não conseguem aceitar alguns avanços civis, tais quais as cotas raciais e o casamento civil de pessoas do mesmo sexo. A saber, mesmo nos governos de esquerda, democraticamente eleitos, nesse país não houve redução significativa da violência letal para os grupos de negros e de dissidências sexuais, embora tenha avançado em alguns marcos legais.

As autoras e os autores dos trabalhos sobre Bixas Pretas, em toda essa ebulição social, encontram-se na emergência contra os valores esdrúxulos do conservadorismo, estabelecendo uma contramedida. Em alguma medida, isso é, ainda, fruto de uma classe artística que, paralela à mídia tradicional, usou as redes sociais para amplificar o debate sobre as vivências desses grupos. Nesse contexto, outro marco temporal é o trabalho de Linn da Quebrada que traz a figura da Bixa Preta no seu trabalho artístico. Mais uma vez, é significativo que uma travesti preta abra caminho às bixas pretas. Ressalto que tanto Oliveira (2017) quanto Linn da Quebrada apontam a emergência das Bixas Pretas para a discussão pública dessa temática. Mas, que ambas reconhecem que esse debate vem de muito tempo antes: Desde Xica Manicongo até Vera Verão houve uma construção coletiva de uma arte-ciência de vida de preservação e solidariedade. Os movimentos sociais apontam para isso.

No que concerne os Programas de Pós-Graduação, aos quais se filiam os trabalhos aqui observados, noto que as contribuições são diversas ao longo do país.

Levando em consideração as universidades que os Programas de Pós-Graduação são vinculadas, temos:

Fig. 2 – Produções científicas sobre Bixas Pretas por região



Fonte: elaboração própria

A princípio, faz-se necessário considerar que os PPG como fonte estatística de onde se tem pensado sobre a Bixa Preta não se fez suficiente. Nenhuma das pesquisas analisadas estava vinculada a universidades da região norte do país. Penso que existem universidades que estejam mais acessíveis para as pesquisas sobre a temática e por isso o levantamento desses dados pode ser interessante para os pesquisadores que desejam indícios de quais programas podem acolher essas pesquisas. Mas, aqui eu gostaria de interligar a área de produção a outra TEP, que se refere à escrita em 1ª pessoa e/ou narrativas autobiográficas. Uma vez que todas as pesquisas que tive acesso apresentaram os pesquisadores e suas próprias narrativas, observei que pensar a produção epistemológica a partir do programa não é suficiente para identificarmos geograficamente às bixas pretas autoras em suas vivências. Observei trabalho feito no sul do país com narrativas pessoais localizadas no norte. Outro trabalho contém narrativas no sudeste mesmo sendo publicado por uma universidade no nordeste. De alguma maneira, isso aponta para narrativas migrantes que são comuns às bixas pretas autoras. Embora não tenha me debruçado sobre as causas, arrisco dizer que o racismo homofóbico, a interação dessas duas opressões, que nos expelle dos nossos lares,

também nos expelle das nossas cidades, algumas vezes dos nossos estados ou até mesmo da nossa região. A diáspora das bixas pretas autoras de algum modo também são subscritas em suas pesquisas. Por sua vez, as Bixas Pretas agenciam a construção de narrativas autônomas que permitem a sua sobrevivência.

Ainda no que tange aos dados estatísticos, classifiquei as pesquisas por área de conhecimento de acordo com as classificações da Capes. Quanto a isso é interessante observar que essas classificações de acordo com a Capes são feitas a partir da área de concentração do programa. Foi utilizado o recurso de filtros nas buscas dos termos-chave inter-relacionando a grande área do conhecimento e a área de concentração da pesquisa. Quanto às divisões que a Capes apresenta os trabalhos se apresentam divididos do seguinte modo:

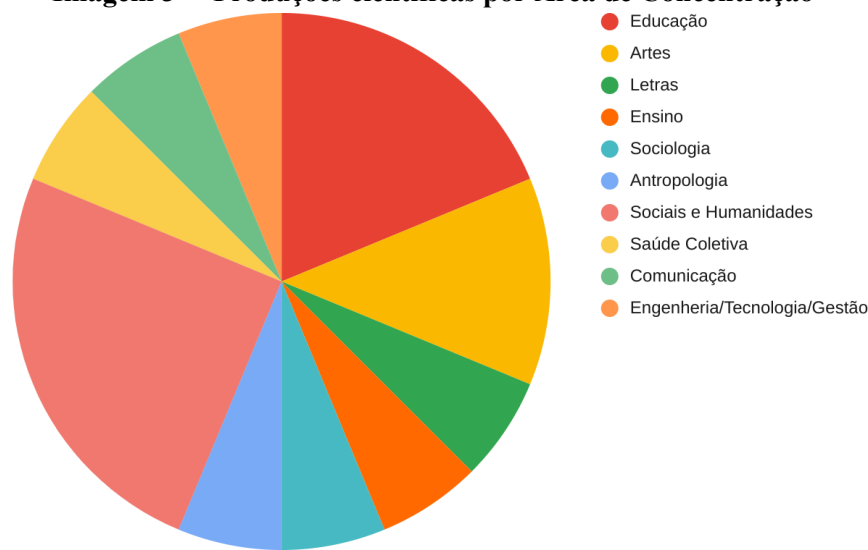
Tabela 3 – Produções científicas a partir das Grande Área

MULTIDISCIPLINAR				CIÊNCIAS HUMANAS			LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES		CIÊNCIAS DA SAÚDE	CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
6 trabalhos				5 trabalhos			3 trabalhos		1 trabalho	1 trabalho
Ciências Sociais	Engenharia/Tecnologia/Gestão	Ensino	Sociais e Humanidades	Educação	Sociologia	Antropologia	Letras	Artes	Saúde Coletiva	Comunicação

Fonte: elaboração própria

Graficamente apresentado da seguinte maneira:

Imagem 3 – Produções científicas por Área de Concentração



Fonte: elaboração própria

Por fim, a análise dos dados estatísticos por área de concentração nos apresenta a Bixa Preta enquanto um objeto de estudo complexo que indica múltiplas possibilidades de análises nas mais diversas áreas do conhecimento. Uma vez que a classificação da Capes é pela área de concentração do PPG é interessante notar que algumas pesquisas podem apresentar referencial teórico e métodos de uma determinada área e ainda assim ser classificada, para fins dos dados levantados pela Capes, a partir da área de concentração do PPG. Nessa toada, observo que a Bixa Preta é um objeto de estudo já consolidado e analisado por diversas áreas do conhecimento. Destaco que em todas as pesquisas existem interfaces multidisciplinares, dado as “pontes interdisciplinares”(Barros, 2019) que são os pontos intercambiáveis entre as diversas áreas do conhecimento.

Houve uma pesquisa que o repositório da Capes retornou na área de Letras, que estava no campo dos Estudos da Tradução. Nenhuma das pesquisas, porém, são na área da Linguística ou da Linguística Aplicada (LA). Ainda no campo da LA, ao qual sou filiado por formação, observei os temas e projetos nas páginas dos Programas de Pós-Graduação (PPG) em LA. Silva (2020), em seu estudo sobre a construção

identitária da área, numa perspectiva de cultura disciplinar, cataloga 7 PPG em LA reconhecidos pela CAPES.

“Um outro meio pelo qual se dá o fortalecimento da identidade disciplinar da área, bem como de uma identidade de pesquisador(a) em LA, é a criação e manutenção de programas de pós-graduação em Linguística Aplicada que contribuem para estabelecer, frente às agências de financiamento, a legitimação de um lugar para a LA. (SILVA, 2019, p. 119).

Assim sendo, observo, de acordo com cada PPG e suas as linhas, visando a construção do objeto de pesquisa e suas possíveis contribuições para a área na qual se subscreve.

Tabela 4 – PPG em LA: Linhas, Temas e Projetos de Pesquisa

Programas de Pós-graduação em Linguística Aplicada no Brasil/ Instituição	Linhas de Pesquisa
Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem- PUC-SP	Linguagem e Educação, Linguagem e Trabalho, Linguagem e Patologias de Linguagem Linguagem e Tecnologia.
Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada da UNICAMP	Linguagens e Tecnologias: Linguagens e Educação Linguística Linguagens, Culturas e Identidades Linguagem e Tradução
Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada da UNISINOS	Linguagem e Práticas Escolares Texto, Léxico e Tecnologia Interação e Práticas Discursivas.
Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada da Universidade de Brasília (PPGLA-UnB)	Ensino, Aprendizagem e Formação de Professores de Línguas Língua, Cultura e Sociedade
Programa Interdisciplinar de Linguística Aplicada da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)	Discurso e Letramentos Discurso e Práticas Sociais Discurso e transculturalidade.
Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará (PosLA/UECE)	Linguagem, Tecnologia e Ensino Multilinguagem, Cognição e Interação Estudos Críticos da Linguagem
Programa de pós-graduação em Linguística Aplicada da Universidade de Taubaté (UNITAU)	Ensino e Aprendizagem de Línguas Formação de Professores de Línguas Processos Discursivos da Linguagem Verbal e Não Verbal

Fonte: Silva (2020)

Observando a ordem cronológica, Silva (2019) nos diz que “[...] o primeiro Programa de Pós-Graduação stricto sensu em Linguística Aplicada no Brasil, deu-se em 1970, na PUC-SP, por Maria Antonieta Celani.” (SILVA, 2019, p. 119). O site deste

programa apresenta em seu depósito online de dissertações desde 1978 até 2022 e teses desde 2009 até 2022. Esse programa apresenta 616 dissertações e 331 teses, totalizando 947 trabalhos. O site apresenta busca com múltiplos filtros.

Seguindo a cronologia, Silva (2019) revela que “o segundo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada foi criado na UNICAMP em 1986” (SILVA, 2019, p. 119.) O site deste programa apresenta em sua biblioteca digital de dissertação e teses o sistema de buscador simples que não permite interligar mais de um termo de pesquisa. O site apresenta a possibilidade de busca de trabalhos, entre dissertações e teses, desde 1973 até 2022. Esse programa apresenta 501 dissertações e 249 teses, totalizando 750 pesquisas.

“O Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada da UNISINOS, oferece cursos de Mestrado e Doutorado [...] sendo o único programa de pós-graduação do sul do país a oferecer o curso de doutorado em Linguística Aplicada” (SILVA, 2019, p. 119). O site deste programa apresenta buscador a partir da biblioteca online de dissertação e teses da instituição. Nos buscadores com filtro, não é possível calcular a quantidade absoluta de trabalhos e por isso, não apresento esses valores quanto a esse Programa.

“O Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada da Universidade de Brasília (PPGLA-UnB), que foi criado em 1991” (SILVA, 2019, p. 120). O site deste programa apresenta buscador que permite buscar palavras-chave combinadas com outros filtros. Esse programa apresenta um total de 332 dissertações e 2 teses, totalizando 334 trabalhos. No que se refere ao tempo, os filtros apresentam o ano de 2006 como sendo o mais antigo e 2022 o mais recente.

Já o Programa Interdisciplinar de Linguística Aplicada “é um dos seis programas de pós-graduação stricto sensu da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)” (SILVA, 2019, p. 120). O site deste programa apresenta em seu repositório online dissertações desde 2006 até 2022 e teses desde 2013 até 2022. O site não apresenta buscador, que exigiu a leitura de título e palavras-chaves de cada uma das

teses/dissertações. A busca envolveu o objeto: bixa preta ou o fenômeno racismo homofóbico. Não foi encontrado nenhum resultado. Esse programa apresenta 181 dissertações e 87 teses, totalizando 268 trabalhos.

Ainda em 1998 o Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará (PosLA/UECE) foi criado. O site deste programa apresenta em seu repositório online dissertação desde 2001 até 2022, no entanto o site não deu retorno sobre dissertações no ano de 2022, e teses desde 2015 até 2022. O site não apresenta buscador, o que exigiu a leitura de título e palavras-chaves de cada uma das teses/dissertações. A busca envolveu o objeto: bicha(s)/bixa(s) preta(s) ou o fenômeno racismo homofóbico. Não foi encontrado nenhum resultado. Esse programa apresenta 371 dissertações e 87 teses, totalizando 458 trabalhos.

O Programa de pós-graduação em Linguística Aplicada da Universidade de Taubaté (UNITAU) foi fundado em 1996 e oferece curso de Mestrado em LA. O site deste programa é vinculado ao site da biblioteca online de dissertação e teses da instituição. Mas, reiteradamente, apresentou falha ao acessar a página, fato que inviabilizou qualquer busca.

Em nenhum desses programas foram encontradas pesquisas que fizessem referências aos verbetes supracitados. Interpreto isso como um sintoma da hegemonia da branquitude e da cisgeneridade heteronormativa no campo acadêmico, e a LA não é uma exceção. Destaco que os programas têm alta produtividade, evidenciados pelos números totais de trabalho, ao longo de muitos anos. Os trabalhos que se aproximavam da temática discutiam formação de identidade e dissidência sexual sem contemplar raça enquanto ponto de partida. Mas, considero que toda essa diversidade de trabalhos formam uma base significativa de teoria e análise no campo da LA que corroboram para a pesquisas que adotem a Bixa Preta enquanto objeto de estudo na área da Linguística Aplicada.

Quanto à base teórica adotada e à abordagem é interessante observar que uma parte considerável das pesquisas apresentam autores pós-estruturalistas, tais quais

Foucault e Butler. Ainda no quadro dos pós-estruturalistas uma das pesquisas apresenta Deleuze e Guattari. Ainda foi apresentado uma recorrência quanto às intelectuais Sueli Carneiro, Nilma Lino Gomes, Megg Rayara de Oliveira e Jaqueline de Jesus. Foi recorrente, ainda, Stuart Hall, Achille Mbembe e Franz Fanon. Sendo que, a esse último embora recorrente, havia discordância entre os autores, uma vez que “Em Fanon (2008), a prática homossexual aparece como algo negativo e, por isso, não condiz como uma prática passível à comunidade negra.” (JESUS, 2020, p. 56).

Todas as pesquisas abordam a Interseccionalidade como referencial teórico-metodológico e ferramenta analítica. 4 das 11 pesquisas lidas tratam do tema sobre perspectiva dos Estudos das Masculinidades Subalternas. Essa foi a dúvida primordial para o início dessa investigação: tentar compreender por que algumas pesquisas não abordam a masculinidade quando se trata de bixas pretas. A saber, a Bixa Preta, enquanto identidade social, está entre os estudos de gêneros e sexualidades oriundos do feminismo negro e dos estudos das masculinidades negras. Neste caso, é interessante observar que as abordagens são complementares e que os estudos que virão sobre a temática poderão apresentar novos aportes para a discussão do tema.

Retomo aqui a discussão sobre a dicotomia objeto *versus* sujeito. A identidade da bixa preta pode ser associada a sujeitos que não necessariamente corresponde à homossexualidade enquanto orientação sexual. Isso ficou observável em algumas pesquisas onde o sujeito que contribuía, embora se identificasse enquanto Bixa Preta vivenciava a bissexualidade enquanto orientação sexual, por exemplo. Portanto, a Bixa Preta é, ainda, a identidade que abdica da masculinidade hegemônica e seu padrão de reprodução. Isso se dá à medida que “a prisão subjetiva na qual as pessoas negras são colocadas em virtude de todo o discurso inferiorizante acerca de sua cor dificulta sua associação com outras identidades subalternizadas.” (JESUS, 2020, p. 16).

Outra tendência observada foi uma retomada a figuras que constituem as memórias coletivas de bixas pretas. Vera Verão, personagem do artista Jorge Lafond, e Linn da Quebrada foram reverenciadas na maioria dos trabalhos. Muitos trabalhos

também relatam a importância dos movimentos sociais e coletivos orgânicos, quer presenciais ou virtuais, como elemento fundante dessa identidade social. Esse histórico é pouco acessível e representa uma ancestralidade intangível, podendo ser um outro objeto de análise.

Considerações Finais

O objetivo principal deste artigo foi apresentar um panorama geral das pesquisas sobre Bixa Preta. Para isso investiguei as Tendências Estatísticas e de Pesquisas. O levantamento observou a partir do ano de publicação das pesquisas a conjuntura histórica do surgimento desses trabalhos. Importante ressaltar que o primeiro trabalho que adota a Bixa Preta enquanto Identidade Social cadastrado no banco de teses e dissertações da Capes é datado de 2017 realizado pela intelectual Megg Rayara Gomes de Oliveira. Ressalto, que a busca foi feita a partir da delimitação do termo bixa preta e seus equivalentes.

Observei ainda a localização de produção a partir da região do PPG. Que apresenta uma tendência de pesquisa nas regiões Nordeste, Sudeste, Sul e Centro-Oeste. Nenhuma pesquisa foi realizada em PPG da região Norte até o presente momento. Isso diz mais sobre as universidades do que das bixas pretas nesta região. Uma vez que li trabalhos que apresentam um contexto de construção subjetiva de infância e adolescência localizada no norte, vinculado a PPG no sul do país. Esse exemplo não é um caso isolado nas autonarrativas apresentadas pelos pesquisadores, o que indica uma tendência migratória inter e intra regiões. Essa tendência foi possível de ser constatada a partir de outra tendência, a saber, a escrita em 1ª Pessoa e/ou Narrativas Autobiográficas presentes no trabalho. Essa tendência possibilitou a conclusão de que as pesquisas sobre Bixa Preta, de algum modo, são realizadas por pessoas que se identificam como sendo ou que apresenta alguma afinidade com sujeitos que se identificam com essa identidade.

Esse trabalho também categorizou as pesquisas por área de concentração que se

desdobra em duas análises. A primeira diz respeito a outra tendência das pesquisas que é o caráter multi/inter/transdisciplinar desse objeto de estudo. Todas as pesquisas apresentam interface com diversos campos de estudo, seja na fundamentação teórica, na metodologia ou nas análises. A segunda é quanto à área da Linguística Aplicada. Embora seja uma área com alta produtividade e bastante estabilidade no nosso país, não há nenhum trabalho que esteja vinculado aos PPG dessa área, dentro dos recortes aqui delimitados. O que indica que a LA assim como a academia no geral é dominada pela hegemonia da branquitude e da cisgeneridade heteronormativa, podendo apresentar trabalhos com temáticas afins, evidenciando pontes de diálogo e mudanças no escopo das pesquisas deste campo. Estes trabalhos são exceções, no entanto. Evidenciando a regra regulatória da academia e a subversão de alguns pares na construção de novas epistemologias, podendo estar vinculado ao maior acesso de pessoas negras e LGBTQIA+ ao universo acadêmico.

Por fim, o trabalho apresentou as intelectuais e os intelectuais mais recorrentes nessas pesquisas. Foucault, Butler, Sueli Carneiro, Nilma Lino Gomes, Megg Rayara de Oliveira, Jaqueline de Jesus, junto a Patricia Hill Collins, Kimberlé Crenshaw, Stuart Hall, Achille Mbembe e Franz Fanon. Ative-me à abordagem das pesquisas quanto à Interseccionalidade e aos Estudos de Masculinidades subalternas.

Por último, mas não menos importante, observei a recorrência de figuras que constituem as memórias coletivas de bixas pretas, desde Vera Verão, personagem do artista Jorge Lafond, até Linn da Quebrada. Muitos trabalhos também relatam a importância dos movimentos sociais e coletivos orgânicos, quer presenciais ou virtuais, como elemento fundante dessa identidade social. Esse histórico é pouco acessível e representa uma ancestralidade intangível. Sugiro, portanto, pesquisas que reconstituam a ancestralidade como formação constitutiva dessa identidade social.

Outra sugestão de pesquisa é uma revisão dos trabalhos aqui listados, analisando o eixo Temático que diz respeito aos Elementos Fundamentais de Pesquisa. Analisar

esses dados pode consolidar a justificativa desse objeto de pesquisa, indicar metodologias possíveis, além de apresentar novos temas para pesquisas vindouras.

Além disso, este estudo do estado da arte teve seus limites metodológicos no que concerne ao recorte: i) dos termos-chave de pesquisa, ii) dos gêneros textuais da produção científica, iii) das plataformas de pesquisa, e, por fim, iv)temporal apontados na seção de metodologia. Sugere-se, portanto, que demais pesquisas vindouras possam contribuir com as lacunas apontadas.

Em vias práticas, e por limitação das páginas que me restam exemplifico quanto ao marco temporal estabelecido para este artigo, sendo de 2017 até o ano de 2022. Observei numa última revisão para atualização em consulta ao repositório da Capes, mais um trabalho sobre Bixa Preta e, grata surpresa, na área da Linguística Aplicada. Ao qual faço uma menção honrosa, embora ainda não o tenha lido, visto que não compunha o corpus previamente estabelecido. O trabalho intitulado “*Ouçam as bichas pretas*”: *A multimodalidade na construção de masculinidades pretas e as produções de sentidos midiativistas em vídeos no YouTube*” de autoria do Marco Túlio Pena Câmara, insere os Programas de Pós-Graduação em Linguística Aplicada no debate sobre esse objeto de pesquisa. Portanto, outra sugestão de pesquisa é uma revisão dos novos trabalhos que se apresentarem após 2022.

Referências

- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. Ed. Jandaíra - São Paulo, 2020
- BARROS, José D’Assunção. **Interdisciplinaridade na História e em outros campos do saber**. Editora Vozes, 2019
- CRENSHAW, Kimberlé Williams. From private violence to mass incarceration: Thinking intersectionally about women, race, and social control. **UCLA L. Rev.**, v. 59, p. 1418, 2011. Disponível em: <http://www.uclalawreview.org/pdf/59-6-1.pdf>. Acesso em: 05 de fevereiro de 2022.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural da Pós-modernidade**. Trad. Tomáz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, ed.12, p. 56, 2019.

- HALL, Stuart. **Da diáspora**. Org. Liv Sovik. Trad. Adelaine La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: Editora UFMG, ed.2, 2018.
- HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, T. T., **Identidade e diferença - A perspectiva dos Estudos Culturais**. 15 Ed. Editora Vozes Petrópolis, RJ, 2019.
- JESUS, Ailton Sena de. **Entre Violências e Resistências: Bixas Pretas em uma Escola Pública De Salvador**. 2020. 186 f. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade). Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, Universidade Federal da Bahia, Salvador. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/34444>. Acesso em: 09 de junho de 2023.
- KYRILLOS, G. M. Uma Análise Crítica sobre os Antecedentes da Interseccionalidade. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 28, n. 1, e56509, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/zbRMRDkHJtkTsRzPzWTH4Zj/>. Acesso em: 05 de julho de 2022.
- MELO, Iran Ferreira de. Breves notas históricas sobre sexualidades e identidades de gênero periféricas: o alvorecer do movimento LGBT no mundo. **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 10, p. 205-232, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/issue/view/619>. Acesso em: 20 de março de 2022.
- OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. **O diabo em forma de gente: (r)existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação**. Tese. 2017. 192 f. (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/47605>. Acesso em: 09 de junho de 2023.
- QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Edições Almedina, 2009. p. 73-117.
- ROSSETTO, Gislaíne A. R. da Silva. et al. Desafios dos estudos “Estado da Arte”: estratégias de pesquisa na pós-graduação. **Educação: Saberes e Práticas**, Brasília, v. 2, n. 1, p. 1-15, 2013. Disponível em: <http://revistas.icesp.br/index.php/SaberesPratica/article/view/54/47>. Acesso em: 09 de junho de 2023.
- SOUZA, Ana Lúcia Silva, **Letramento de reexistência: culturas e identidades no movimento hip-hop**.-Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, p. 206, 2009.
- SILVA, Ametista de Pinho Nogueira. **Linguística Aplicada: o que é? Como se faz?**, São Paulo: Pontes Editora, 2020.
- SILVA, Ametista de Pinho Nogueira. **A construção sociorretórica do gênero artigo acadêmico na linguística aplicada: um estudo sobre escrita acadêmica a partir da compreensão de culturas disciplinares**. 2019. 216 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza.
- VEIGA, Lucas. Além de preto é gay: as diásporas da bixa preta. In: RESTIER, H.; SOUZA, R. M. **Diálogos contemporâneos sobre homens negros e masculinidades**.

São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2019. p. 77-104.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T., **Identidade e diferença** - A perspectiva dos Estudos Culturais. 15 Ed. Editora Vozes Petrópolis, RJ, 2019 [2014]

**The state of the art of research about black fagots:
Locating the monas**

Abstract: This work is a study of the state of the art (ROSSETTO, et al. 2013) on panorama of academic researches about Black Fagots, revealing the trends of academic research in this thematic axis. For these purposes, I intend to answer a) What academic researches, at the master and doctoral levels, have been done about black fags in Brazil?, and; b) How has this theme been configured in the field of Applied Linguistics? For the theoretical foundation, I have articulated the Studies about Social Identity arising from the theory of Cultural Studies (HALL, 2019[1992]; WOODWARD, 2019[2014]) with the Intersectional Studies arising from Black Feminisms (KYRILLOS, 2020; AKOTIRENE, 2018) and the Studies about Black Fags (OLIVEIRA, 2017; VEIGA, 2019). With regard to methodology, this work was developed from the bibliographical survey of dissertations and theses chosen from the result presented by the Capes bank, for the terms "bixa preta" and equivalents. The researches comprise the years from 2017, year whose the term Black Faggot associated with Social Identity is established from Oliveira's (2017) research, to 2022. In the analysis, two axes of analysis were established: 1) Fundamental Elements of Research (FER), and; 2) Statistical and Research Trends (SRT) The analyses lead me to the historical conjuncture of the emergence of these works; to the geographical mapping of the Graduate Programs (PPG); to the observation of the areas of concentration, presenting a multi/inter/transdisciplinary character of this object, in addition to observing that Applied Linguistics, although an area with high productivity, presents only one work that is linked to PPG, which does not come to be analyzed, as it was not in the previously established time frame, having been discovered during a review for the publication of this work.

Keywords: State of the art; Black Fagots; Homophobic Racism; Applied Linguistic.

Recebido: 25/10/2023

Aceito: 16/05/2024